
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

APRESENTAÇÃO

Que Modernismo? Quando? A Semana de Arte Moderna completou 100 anos em fevereiro de 2022 e motivos não faltam para continuarmos a conversa acerca da primeira geração do Modernismo Brasileiro, bem como sobre seus contínuos impactos na vida acadêmica e além. A importação de linguagens e de estéticas estrangeiras ganhou outros ares quando estas foram deglutidas pela cultura local. A questão da identidade nacional e cultural ganhou novas modelagens na contemporaneidade. Entre tantos campos de estudo, pesquisas em arquivos literários, ligadas à literatura como campo expandido, têm proposto novas formas de diálogos entre criações nacionais e estrangeiras, trazendo instigantes perspectivas em relação ao trabalho na área da Literatura Comparada.

Das vanguardas europeias ao Modernismo Brasileiro: ou se entendeu que nós, brasileiros(as), somos antropofágicos(as), ou não se entendeu muita coisa. Alia-se ao conceito de Antropofagia, proposto por Oswald de Andrade, a noção de “traição da memória”, pensada por Mário de Andrade: esquecimentos em relação à arte, à cultura e à literatura hegemônicas impulsionariam o processo de (re)invenção brasileira visando uma expressão singular no “concerto das nações”. Manifestos, revistas, ensaios, correspondências e expansões da arte em geral foram remodelando as gerações de um movimento que parece pedir uma permanente atualização via novas e provocativas leituras, assim como reflexões sobre os apagamentos que as correntes artísticas sempre causam.

Propusemos, nesta edição da *Terra Roxa e Outras Terras*, rever o que significa voltar ao Modernismo de 22, que buscava majoritariamente a tomada de consciência da realidade e da cultura brasileiras, ao tempo em que se propunha discutir criticamente – 100 anos após a Independência, e apenas 34 anos após a abolição da escravatura – os problemas sociopolíticos nacionais. A enorme caixa de pandora dos desajustes brasileiros foi aberta com a ajuda da Semana de Arte Moderna de 1922. No presente, surge a pergunta: como ser antropófago(a) em tempos de patologias nacionalistas? No Brasil haveria outra medida senão reimaginar o futuro regressando, uma vez mais, ao passado, oferecendo-lhe sobrevivências transformadoras, avaliando suas heran-

ças, questionando seus limites, pensando, no presente, conforme assinala Oswald de Andrade no *Manifesto Antropófago*, “contra as escleroses urbanas”? Algumas pesquisas atuais relativas à cultura afro-brasileira e indígena, aos estudos de gênero e à criação de regiões distantes dos centros de maior prestígio econômico e cultural, por exemplo, têm dado novas cores a reavaliações do modernismo, o que ocorre tanto nesta quanto em outras edições de revistas e jornais acadêmicos.

Em uma visada comparatista que privilegiou o cosmopolitismo e o diálogo entre estéticas, identidades e culturas, foram selecionados os artigos que desenvolveram reflexões sobre a pluralidade de modernidades que o modernismo brasileiro comportou e ainda comporta, seus desdobramentos em obras literárias e artísticas contemporâneas, bem como sobre os meios e as formas de apropriação da modernidade pelos(as) modernistas e do modernismo pela contemporaneidade.

Nesse sentido, o trabalho “Pauliceia em série: Kitsch e desvairismo”, de Ana Paula Parisotto e Artur de Vargas Giorgi, promove o retorno à obra de Mário de Andrade e à estética do kitsch como uma potência singular para se pensar a cultura nacional. O diálogo provocado entre Mário de Andrade e o seu desvairismo poético, o kitsch e o investimento na cultura de massa e popular atualizam o debate sobre a obra marioandradina ao tempo em que abordam leituras disruptivas sobre o estado da arte no Brasil. Em meio ao processo de modernização de São Paulo, processo repleto de contradições e conflitos, Mário de Andrade publica sua *Pauliceia desvairada*, obra complexa, que articula elementos da cultura de massa e da cultura popular para elaborar uma arte de vanguarda brasileira. Neste trabalho, os autores argumentam que o livro de 1922, tão próximo da lógica e da estética da reprodutibilidade técnica, pode ser entendido como uma via de estudo da emergência do kitsch no Brasil. Essa proposição se sustenta pela leitura de alguns poemas e do *Prefácio interessantíssimo*, mas também se ampara na elaboração teórica feita em *A escrava que não é Isaura* (1925) e no lançamento de *Klaxon* (1922). O que sobressai é a ambivalência das posições em jogo: em Mário de Andrade encontra-se o desvairismo como defesa vanguardista e aristocrática de uma arte genuína; mas também nota-se a emergência do kitsch, marcada pela sedução dos clichês e pelo mascaramento performático que, diante das massas, esvazia qualquer essência, dos sujeitos e dos objetos.

No artigo de Mauricio Lissovsky, “Rivals até o último clique? Fotografia e Modernidade em Monteiro Lobato e Mário de Andrade”, tem-se uma outra representação dos perfis criativos dos dois autores, tão conhecidos pelos(as) leitores(as) do cânone literário brasileiro. Surgem, no artigo, como escritores-fotógrafos e suas práticas artísticas – literárias e imagéticas – são analisadas sob a luz da diferença de perspectiva entre os dois, tanto no sentido da escrita que construíram ao longo da vida, quanto nas formas que os gestos de fotografar de cada um ganharam no começo do século XX. Monteiro Lobato e Mário de Andrade foram os escritores brasileiros que mais se dedicaram à fotografia na primeira metade do século XX. Registram-se amigos e famílias, viagens pelo Brasil e pelos Estados Unidos, monumentos históricos e poços de petróleo, paisagens naturais e humanas. Apesar de amadores e homens de letras, em algum momento de suas vidas, ambos acreditaram que suas imagens poderiam ter

uma destinação pública, que seriam capazes de expressar algo a respeito do Brasil ou de si próprios. As versões mais difundidas da história da literatura brasileira consagraram o antagonismo estético entre eles. O artigo reflete sobre o que tais fotografias poderiam nos dizer sobre essa rivalidade entre os dois artistas. Que outras histórias do moderno essa comparação suscitaria? À luz da elaboração da figura do escritor-fotógrafo pelas vanguardas históricas – em particular as soviéticas – e da natureza mecânica da câmera, o autor buscou observar as afinidades e distinções que marcam as respectivas apropriações do moderno na fotografia desses autores.

Em “Roteiros antropofágicos na contemporaneidade: uma reflexão sobre a exu-poética”, de Lucas Toledo de Andrade, o foco recai sobre a prodigalidade da concepção de Antropofagia de Oswald de Andrade como proposta de leitura das questões associadas à identidade brasileira, numa atualização do pensamento oswaldiano uma vez que trazido para a contemporaneidade. O autor cria a noção de Exu-poética como referencial teórico de matriz mitológica africana a partir da metáfora da devoração antropofágica, com o intuito de repensar, em uma chave outra que não a dos padrões colonialistas, os repertórios culturais brasileiros da atualidade, privilegiando um referencial negro que seja inclusivo, híbrido e diverso. Sobressai a noção de roteiro, ao mesmo tempo como direção e descaminho, como possibilidade de busca de outros caminhos a trilhar, longe dos padrões, das tradições, dos modelos, subvertendo-os como a figura do Exu representa: a impermanência das ideias associadas a esse orixá propicia a mudança até do que parece ser perene, potencializando sua imagem como metáfora criadora de uma poética que se propõe a revisar repertórios culturais. Para XXX, a Exu-poética se define “por meio da ideia de linguagem negra que perfura a dicotomia cristã, deglute os discursos coloniais, regurgita-os e os reelabora por meio da perspectiva do cruzo”. Associam-se, assim, as encruzilhadas aos descaminhos, lugares de transgressão próprios ao desnortamento fecundo que a proposta teórica do artigo, herdeira da Antropofagia, oferece como ferramenta de leitura da cultura brasileira contemporânea.

E por falar nos frutos que a Antropofagia nos ofereceu e oferece até hoje, “De Andrade a Andrade: a reescrita de Venceslau e Ci em Macunaíma”, de Verônica Daniel Kobs, analisa comparativamente o romance de Mário, de 1928, e o filme homônimo, de Joaquim Pedro de Andrade, de 1969, com a presença *in absentia* de um terceiro Andrade, Oswald. A diferença de tempo e de cultura que separa a obra literária do filme redireciona a leitura do enredo de ambas: na primeira, lê-se a desconstrução da nacionalidade colonizada; na segunda, o objeto de revisão crítica é a estrutura social opressora. O fio condutor das análises é a releitura dos personagens Venceslau e Ci na obra fílmica, em comparação com a literária. Nesse contexto da década de sessenta, o gigante Venceslau passa de colonizador – como alegoricamente se apresentava no romance – a estadunidense, nacionalidade representativa da colonização cultural do século XX. Já Ci, “mãe do mato” na obra de Mário, torna-se uma guerrilheira citadina no filme. Em uma reflexão bastante completa que leva em conta o diferencial que imagens, caracterização e gestos dos personagens, sons e cores do filme oferecem ao enredo do romance, a autora coloca em relevo a reescrita da obra de Mário por Joaquim, realização de um processo de devoração crítica do Modernismo dos anos

1920 à la Antropofagia de Oswald, para regurgitar uma obra fílmica com o mesmo poder contestatório, porém situada no final da década de 1960.

O ensaio ‘Sérgio Milliet e Alexander Calder: a sedução da arte abstrata’, de Laura Brandini revela importante faceta do intelectual, artista, crítico e poeta modernista. O texto demonstra a mudança de perspectiva de Milliet em relação à arte abstrata. Por defender critérios humanistas, terminava se guiando pela concepção figurativa em arte. Mas como grande e sensível criador, conseguiu articular uma espécie de “pensamento do fora”, perceber o valor da *abstração* e tornar-se um defensor do estilo moderno, enxergando no projeto valores não vislumbrados inicialmente. Partidário de uma proposta mais nacionalista em arte, Milliet escreveu textos elogiosos a Cândido Portinari. Elogia, por exemplo, os murais realizados na Igreja da Pampulha – painel contestado por setores conservadores da igreja belo-horizontina quando da construção da capela. O crítico paulista enxerga influência de Picasso em Portinari, mas assegura que o pintor de Brodowski soube apropriar-se das técnicas do artista espanhol e dar-lhes uma configuração singular, autoral, brasileira. A atenção dada por Sérgio Milliet a Alexander Calder relaciona-se ao engajamento do crítico paulista às exposições do MAM e da Bienal – Milliet foi diretor da II, III e IV Bienais de São Paulo, realizadas em 1953, 1955 e 1957. As exposições traziam a arte abstrata ao Brasil. Mas desde 1948, a partir da exposição de Calder no país, Milliet já vislumbra os novos e instigantes sentidos presentes na obra do artista estadunidense. Para o crítico brasileiro, os trabalhos de Calder – incluindo os famosos móveis – revelavam uma simplicidade essencial que não elidia o caráter humano. Milliet reconhecia, assim, o aspecto comunicativo da arte abstrata. Essa abertura e essa coragem para alterar o olhar em relação à diferença demonstra afeto pela outridade e aproxima-se de gestos de grandes artistas que não se acomodam e buscam sempre inovar a própria produção. Assim, talvez, em lugar de pensarmos em visões conflitantes, Sérgio Milliet termina por revelar uma postura coerente daquele que mergulha nas profundezas da linguagem, das temáticas e percebe que há distintas formas de enxergar as produções artísticas no mundo. Enfim, a postura de Milliet revela-se pensamento e ação ao mesmo tempo estéticos e políticos.

Em “O poema romancizado: uma proposta de leitura bakhtiniana do modernismo brasileiro”, Adriano Scandolaro realiza consistente estudo sobre a produção de Mikhail Bakhtin a respeito da linguagem do romance, apresentando um novo dado: a utilização da teoria dialógica e polifônica do pensador russo na avaliação de poemas. O autor do texto toma como objetos de estudo poemas modernistas. De Oswald de Andrade são realizadas análises, por exemplo, de “Meninas da Gare”, “Vício na fala” e “Pronominais”, presentes no livro *Pau Brasil*, de 1925. De Manuel Bandeira, é avaliado “Poema retirado de uma notícia de jornal”, publicado pelo pernambucano no livro *Libertinagem*, de 1930. Segundo Scandolaro, quando Bakhtin inicia seus estudos, a poesia era considerada um gênero literário de maior valor pela crítica, enquanto o romance era tido como arte menos prestigiada, voltada a um público mais simples. Com empenho, o crítico russo conseguiu arregimentar ferramentas teórico-conceituais que abriram importantes clareiras nos estudos do romance. Esses instrumentos metodológicos da prosaística terminaram possibilitando novas investigações a res-

peito de textos poéticos, como os ligados ao período modernista. A utilização de recursos da análise romanesca em estudos poéticos foi prevista por Bahktin, segundo o autor do ensaio. Na pesquisa discursiva, não basta haver a presença do heterodiscurso, este deve ser *dialogizado*. Torna-se importante a ocorrência de diversas vozes socioculturais e a existência de dinâmica entre elas. Sabemos que outras vertentes teórico-literárias trabalham, por outros vieses, com a relação da poesia com a oralidade popular e o jogo de vozes aí existentes. O texto de Scandolara contribui com os estudos relativos ao gênero lírico, buscando demonstrar que o modernismo brasileiro traz fortes exemplos do processo de prosificação da poesia.

O ano de 2022 já está terminando e nos despedimos das comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna convidando as leitoras e os leitores deste dossiê para mais uma refeição antropofágica onde será devorado aquilo que, há cem anos, devorou as concepções identitárias eurocêntricas que governavam a cultura brasileira. As releituras atuais do modernismo, servidas nas próximas páginas, evidenciam sua genealogia andradina – de Mário de Andrade e de Oswald de Andrade – aliada à permeabilidade contemporânea a outras linguagens artísticas. Bom apetite!